

**EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE O CARÁTER DE EDUCAR EM TEMPOS
DE MODERNIDADE LÍQUIDA**

EDUCATION AND SOCIETY: A REFLECTION ON EDUCATING IN LIQUID MODERNITY TIMES

Me. Marlene Gomes Guerreiro

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Me. Antonio Marcos Chagas

Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA)

Universidade do Minho (UMINHO)

Dra. Cecília Rosa Lacerda

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar uma reflexão sobre os desafios do modo de educar na sociedade moderna, cujas características embasam o conceito de modernidade líquida do sociólogo polonês Bauman, e ainda discutir os impactos causados pelas transformações tecnológicas, educacionais, e sociais nas relações humanas precisamente nas instituições que correspondem a familiar, a escolar e a dimensão educativa na visão da religião Cristã. A educação não possui um caráter de neutralidade. Deste modo, o homem não deve sê-lo frente ao mundo que ora o desafia para ressignificar a prática educativa na sociedade hodierna, imbuída de superficialidades relacionais. Uma vez entendida como um ato de amor e solidariedade, a educação, constitui um dispositivo capaz de transformar utopias em realidades, em que o verdadeiro sentido de educar é um fator indissociável da tarefa de despertar a consciência dos sujeitos envolvidos com o processo educativo com base no compromisso para a formação humana.

Palavras-chave: Educação e Sociedade. Escola. Família. Modernidade líquida.

ABSTRACT

This article aims to present a reflection on the challenges of educating in modern society, which characteristics are based in the concept of liquid modernity proposed by the Polish sociologist Bauman, and also to discuss the impacts caused by technological, educational, and social transformations in human relations precisely in institutions that correspond to family, the school and the educational dimension provided by Christian religions. Education does not have a character of neutrality. Thus, the person should not inherit such view in face of the world that sometimes challenges him/her to signify educational practice in nowadays society, suggested with relational superficialities. Once understood as an act of love and solidarity, education constitutes a device capable of transforming utopias into realities, in which the true sense of educating is an inseparable factor of the task of awakening the consciousness of the individuals involved with the educational process based on the commitment to human education.

Keywords: Education and Society. School. Family. Liquid modernity.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos tornou-se comum ouvir inúmeras comparações a respeito de diversos costumes que relativamente caíram em desuso. Comparações quase sempre feitas como sinônimo de pesar. Ao comparar, por exemplo, um período em detrimento do outro, pode ser percebido, a partir da ideia de sociedade sólida, que no passado tinha a melhor música, a diversão, o programa de TV, a responsabilidade dos pais, o respeito dos mais novos para com os mais idosos, a rigidez no modo de educar, enfim, as relações, pareciam ser mais duradouras. Tudo isso incute sempre a imagem de perda. Essa visão baseia-se no pressuposto da modernidade clássica, que tem como princípio que a solidez é algo bom, em que os conceitos são certezas consolidadas.

A partir dessa visão de mundo e sua análise valorativa do tempo passado, a realidade do tempo presente denota, frequentemente, a ideia de instabilidade e vulnerabilidade. Os conceitos que se arriscam a definir o duradouro, distinguindo-o de tudo quanto se entende por consistente, concreto, sólido, ficaram na remota memória, e a grata satisfação de quem viveu nesse tempo pretérito e pôde usufruir de tudo que o mesmo proporcionou, restando ao presente, a constatação de que o efêmero e instável se apresenta incontrolável ante a cultura do descartável, onde o transitório define a passagem de uma sociedade sólida para a fluida.

A leitura que fazemos em tempos hodiernos do núcleo familiar é o ressignificado do sentido representativo das figuras pai-mãe-filho, conceito conhecido como modelo tradicional. Aos poucos esse modelo vai adquirindo outra dimensão e dando espaço para compreender a família como um amontoado de pessoas que vivem sobre o mesmo teto, que fazem a tentativa de educar os filhos transmitindo, a sua maneira, suas visões de mundo, para assim encaminhá-los à escola. Em contrapartida, a escola transita entre as duas funções que lhes são dadas socialmente, como a tarefa de educar e ensinar, ou até mesmo, quando conseguem, formar valores e princípios éticos, muitas vezes, omitidos pelos pais, que amiúde perde seu principal foco que é a formação pedagógica desse indivíduo. Por conseguinte, é possível perceber a nítida inversão dos papéis da escola e da família junto à sociedade. Desta forma, faremos uma reflexão sobre os desafios do modo de educar na sociedade atual, a partir dos conceitos implicados pelo sociólogo Baumam, cuja relação está intrinsecamente associada as principais instituições educadoras, como a família, a escola, e a própria religião, frente a uma conjuntura cuja a realidade acontece no tempo denominado de “modernidade líquida”.

2 EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE SOCIEDADE LÍQUIDA

A realidade do mundo forma um todo de referências e significações de modo a oferecer o significado de cada coisa. A cultura se liga aos indivíduos, os quais, imersos em um contexto social específico, assim como também em um contexto global, tornam-se compartilhadores de compreensões e interpretações do mundo as quais forjam as existências; cria-se, no bojo de um universo cultural aquilo que se pode chamar de “visão de mundo”. E tal visão de mundo tem um particular impacto na educação e até certo ponto, é impactada por ela. É o que sustenta Carlo Nanni: “A reflexão e o discurso relativo à educação, no seu produzir-se histórico, chegam a constituir um setor particular do patrimônio social de ideias, valores, de modelos de comportamento, de estratégias e técnicas operacionais que chamamos globalmente de cultura” (1986, p. 31). Vem à baila uma complexa e exigente dinâmica de adequação entre realidade e intelecto humano, em que a cultura é um elemento mediador imprescindível. Este processo de adequação ocorre “através de um processo longo e fadigoso, feito de intuições e afirmações e de autocorreções, no impacto cru com a *práxis*” (NANNI, 1986, p. 23).

Como afirma Carlo Nanni, o horizonte cultural é fundamental para ajudar a pessoa humana a lançar suas raízes no chão de sua história e conseguir ter um olhar sobre o mundo que lhe permita interpretá-lo. Para sintonizar com este elemento tão fundamental e essencial no quadro complexo da construção pessoal e social, ocorre:

[...] considerar as pedagogias da “*Weltanschauung*”, isto é, inspiradas a uma visão geral do mundo e da vida [...] [que] buscam fundar os conteúdos e os fins educativos mediante o delinear dos princípios pré-pedagógicos que lhes subjazem e que dizem respeito à visão de mundo e de vida, a natureza do homem, o seu destino, o seu lugar no mundo, a vida social e

cultural. Tais princípios são, portanto, segundo diversos modos argumentativos, traduzidos e desenvolvidos em termos de fins educativos e diretrizes de ação” (NANNI, 1986, p. 44-5).

Alhures, arremata o mesmo autor, “Perder de vista o horizonte cultural significa fazer crescer os dirradicados e submeter-se à política reacionária da pior espécie” (NANNI, 1990, p. 125). Stenhouse amplia esta abordagem quando põe em destaque o fato que o conhecimento oferece uma plataforma de aprendizagem fundada nestes códigos interpretativos da realidade fornecidos por uma determinada cultura, com sua peculiaridade de ser um devir contínuo:

A educação reforça a liberdade do homem introduzindo-o com o conhecimento de sua cultura como sistema de pensamento. A característica mais importante do modo de conhecimento é a de que se pode pensar com ele. Isto é algo implícito à natureza do conhecimento – no entanto, é algo distinto da informação –: o fato de ser uma estrutura que sustenta o pensamento criativo e que proporciona estruturas para o juízo. A educação como indução ao conhecimento obtém êxito na medida em que faz imprevisíveis os resultados comportamentais dos estudantes (STENHOUSE, 1984, p. 124).

Se o “devir contínuo” que é próprio da educação se faz sentir como processo de construção em que mudanças vão se efetivando no homem, enquanto ser histórico, mais complexa e instigante tem sido, nos últimos tempos, a realidade cultural em acelerados ritmos de construção e desconstrução, sob o signo da instabilidade. A educação, segundo o pensamento de Stenhouse, induz ao conhecimento e fomenta o pensamento criativo e engendra estruturas cognitivas e valorativas para emitir um juízo e realizar escolhas condizentes com o mesmo. Há que se por questões novas, talvez fora de alcance da compreensão e que evoca de modo implacável: a liquidez social põe em xeque valores, critérios de discernimento e, por conseguinte, de escolhas.

O Sociólogo Bauman apresenta um diagnóstico preciso deste quadro ao definir os tempos líquidos enquanto caracterizados por não “manter sua forma com facilidade” (2001, p.8), não fixam o espaço e não prendem o tempo. Para discutir as transformações ocorridas nos últimos tempos, ele cunhou o termo “sociedade líquida”, como uma forma de ilustrar o estado de tais mudanças. Os líquidos preenchem o espaço momentaneamente e em sua “fluidez” ou “liquidez”, de modo que tal “estado líquido” porta consigo um sério risco de deixar o ser humano suscetível aos perigos da incerteza; vive-se sob a égide frágil de tudo quanto é mutável, instantâneo, provisório, relativo, instável, indefinido. Em base a isso, ocorre perceber a relação de significado entre o sólido e o líquido ao comparar seus resultados quando aplicados a sociedade pós-moderna.

Os tempos modernos encontram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por sua vez, descobrir ou inventar solido de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável (BAUMAN, 2001, p. 10).

Este cenário de liquidez da sociedade em constantes mutações por consigo a instabilidade, enquanto marca da sociedade hodierna, tornou-se a marca comportamental dos indivíduos na sociedade pós-moderna. O pensamento pós-moderno entende a si mesmo como um processo de superação do uno, do imutável e do eterno; emerge com vitalidade impositiva a diferença, a pluralidade, a mudança, o contingente. A pós-modernidade se apresenta também como negação humana do conhecimento do mundo, de si próprio, na relativização ou negação dos valores últimos que venham a dar sentido à inteligibilidade, à vida humana e à sociedade (VATTIMO, 1985). A exacerbação do individualismo provoca um indiferentismo aos interesses comuns.

A cultura moderna, ou seja, a visão de mundo e da vida, típica da história das sociedades pós-medievais teria chegado ao seu ocaso. [...]. Na mesma linha é possível ler a crescente fragmentação dos tempos e dos modos de existência individual e coletiva; a tendência ao desencantamento ou a adesão a valores diversos segundo a diversidade das situações vitais; o mover-se variegado, como entre feridas do existente, sem sentir-se necessária e definitivamente ligados a nada e ninguém; a dificuldade de dar continuidade e futuro a projetos ou decisões tomadas, e portanto, a realizar o status social e assumir papéis duradouros; o dever-se confiar sempre e continuamente a escolhas flexíveis, parciais e a médio prazo (NANNI, 1990, p. 15-6)

O pensamento de Baumam (2001) e sua metáfora conceitual expressam esta forma de viver na sociedade moderna se caracteriza pela vulnerabilidade das relações, e ainda pela incapacidade dos indivíduos em manter a mesma identidade por um tempo prolongado, o que reforça a ideia de fluidez e o estado efêmero nas relações sociais. As estruturas duráveis vão paulatinamente perdendo a própria estabilidade, em função de uma nova concepção do que se deve ter como valor, bem como o quanto as coisas, as relações, as estruturas devem ou não ser mantidas, de modo a serem descartadas, reformadas, substituídas; emergem daí uma gama de novos conceitos forjadores de uma visão de mundo que se sujeita a mudanças rápidas e profundas, de modo que tudo se alicerça nas bases frágeis do provisório e do passageiro.

Esta fluidez na concepção do que seja educar, bem como na sua efetiva operacionalização reflete bem este contexto descrito pelo sociólogo polonês. Da educação recebida na família que se amplia por meio das diversas agências formativas¹ presentes na sociedade e reproduzidas na escola. Significa afirmar que o modo de ensinar e aprender, com todo o desenvolvimento dos métodos educacionais, deve atender aos novos protótipos da sociedade em transformação, desafiando e remodelando a prática educativa. A escola não dá sinais claros de que esteja capacitada a educar ante este cenário diversificado e mutável. Neste mesmo sentido, a reflexão se estende para a instituição familiar, enquanto agência formativa primigênia.

Diante da realidade que vem à tona, a educação sofre os efeitos impactantes deste momento tenso da história. Toda a modernidade colocou em rebotalho várias situações; estas, por sua vez, desencadearam uma crise de valores, os quais se apresentavam imprescindíveis para o convívio interpessoal.

A reciprocidade existente entre sociedade e educação remete ao fato que, na escola se reproduz o que se vive na sociedade. O comportamento que o aluno reporta na escola foi especificamente aprendido na família, seu primeiro contato social, assim como nas demais instâncias e estruturas de convivência onde se dá a relação com os outros. Isto posto, conclui-se então que a compreensão do que seja educar, sua metodologia, seus conteúdos e suas estruturas se encontram questionados. Com efeito, o agir humano em tempos de modernidade líquida, está a requerer um entendimento de seus processos, pois não se está diante de realidade pronta, instantânea que perspectiva resultados imediatos. A forma de lidar com estes processos interpela pela mudança dos mesmos, como afirma Cortela: "Na área da educação, nós mudamos com processos - processos de vida, processos humanos processos de conhecimento. Os processos são sempre mudança, aliás, essa é natureza processual de qualquer coisa" (2014, p. 14).

Professores, pais e educadores de modo geral querem uma resposta que lhes forneça a maneira mais adequada de educar, já que educar aos moldes da sociedade líquida comporta desafios que precisam ser ainda identificados, conhecidos para serem adequadamente enfrentados.

3 FINALIDADES DA EDUCAÇÃO

A origem etimológica da palavra educação vem do latim *Educare*, derivado de *Ex*, que significa "fora" ou "exterior" e *ducere* que significa "guiar", "instruir", "conduzir". Educação em latim tem literalmente o significado de "guiar para fora", tanto no sentido externo quanto interno. O termo era empregado com o objetivo de disciplinar e ao mesmo tempo de preparar o sujeito para viver em sociedade, ou seja, conduzir para fora da casa dos pais, para fora de si mesmo, conscientizando das diferenças que cada sujeito iria encontrar no mundo. Em suma, um processo que buscava o desenvolvimento do sujeito não só no aspecto intelectual, também moral, físico e sua inclusão na sociedade (ANTUNES, 2014, p.11).

A espécie humana, tanto do ponto de vista biológico quanto intelectual, precisa de uma preparação progressiva tendo em vista o convívio social e permanência no mesmo. Assim sendo, o ato de educar torna-se numa ação que consiste em transmitir variados conhecimentos e estabelecer modelos de comportamentos, no intuito de garantir a continuação da espécie e o desenvolvimento da cultura. Considerando que toda a

¹ Carlo Nanni explicita essa realidade: "Junto à família, à Igreja, à escola nas suas várias e articuladas formas históricas, se toma consciência, sempre mais, da função educativa da sociedade inteira e da vida social como um todo. Multiplicam-se as instituições que têm *também* finalidade educativa entre os seus objetivos ou têm consciência da relevância educativa, apesar de terem propriamente outras finalidades. Basta pensar em primeiro lugar às Instituições derivadas da organização da informação, da comunicação social, do espetáculo, do jogo, do esporte, do lazer; ou também à organização da propaganda; ou ainda aos movimentos e às associações ideológicas e religiosas. [...] trata-se de uma verdadeira e própria 'escola paralela'. Escola e família não parecem mais ser as únicas e totais agências de educação e de socialização. A socialização, a enculturação, a mesma educação acontece de muitos outros modos e em formas diversas daquela tradicional" (NANNI, 1990, p. 204-205).

humanidade passa pelo processo de educação em que são guiados, instruídos e conduzidos a condições próprias e peculiar de cada espécie, ao passo que resultam na construção de novos valores, conhecimentos para uma melhor convivência no mundo, do contrário a espécie humana não conseguiria aprender noções básicas e essenciais para a sua própria sobrevivência que a título de informação começa desde noções sobre sua própria sobrevivência, se estendendo para a alimentação, saúde e por último, o convívio com os outros por meio das relações sociais.

A educação, conforme Nanni (1990), é caracterizada pela presença, mais ou menos consciente de um fim, de um ponto de chegada ou de confluência como meta das ações, através de vários meios e modos. O mesmo autor põe com clareza essa finalidade educativa na ordem dos valores essenciais:

Falamos, portanto, de finalidades *educativas*, para distingui-las, não as separa, de outros tipos de finalidades, como, por exemplo, o fim último do homem, as finalidades políticas, sociais, econômicas, religiosas, éticas. De fato, as finalidades educativas, direta e imediatamente, especificam um particular tipo de ação social, justamente a educativa, “intencionada” para ajudar, sustentar e suscitar o desenvolvimento e o crescimento de pessoas livres e responsáveis; e não objetivam, por exemplo, em primeiro lugar ao desenvolvimento de boas condições econômicas (NANNI, 1990, p. 124).

Ora, referir-se à finalidade, está-se a indicar um alvo, uma meta, um objetivo a ser alcançado. Para tanto, é preciso haver um itinerário, um meio para se atingir tal fim. O modo já fixado submetia o currículo a padrões sequenciais de aprendizado. Enfatize-se que as finalidades da educação se ligam a um todo, contextualizado, socializado e culturalmente imerso.

Colocada a serviço da vida pessoal e do seu crescimento, a educação deverá, exatamente por isso, levar em consideração a inteira gama de relações na qual se encontra tecida a vida humana. Em tal sentido, os fins educativos deverão ser colocados em relação e para fazer interagir com um conjunto de objetivos que animam o contexto social e com as instâncias de valor nele emergentes (NANNI, 1986, p. 29)

A finalidade, por objetivar alcançar uma meta, supõe a existência de estratégias como meio e valores enquanto fatores motivacionais. Isso diz respeito à escola, mas também à família e outras instituições sociais e comunitárias onde a educação acontece, haja vista que ela é marcada por padrões de comportamentos, valores, costumes, hábitos que perduram no tempo e promovem o desenvolvimento da cultura. Dentre estas instituições sociais merecem destaque a família, a religião e a própria escola. As finalidades marcam a educação e direcionam as metas a serem atingidas.

Durante muitos anos a educação escolar foi vista como o único meio de transmissão de conhecimento e crescimento social. Podendo então conjecturar-se que era, com certeza, o principal. Porém, ultimamente, na modernidade líquida, compreende-se que as escolas e as universidades compartilham o mister da formação de profissionais com outras instâncias. As inovações tecnológicas, amplamente divulgadas pelas novas mídias, cujo incalculável potencial de alcance da internet, viabilizou o uso de novas metodologias onde o aprendiz é mais autônomo. Ademais, oportunizou-se uma aprendizagem em que a informação está ao alcance de todos. Emerge um novo modo de pensar e agir dos sujeitos que constroem a própria relação com a informação, fazendo emergir visões de mundo, de modo a que se criem juízos de valor, opiniões plurais e diversificadas impactando assim na relação interpessoal. O que era visto e até mesmo apreciado por um padrão inerente à geração passada, na atualidade, passou a ser visto pela nova geração como algo obsoleto. A título de ilustração, os cadernos e outros materiais didáticos são substituídos pelo celular ou por tablets. O lazer do intervalo passou dos jogos ao entretenimento que a conexão da internet pode oferecer. As interações sociais são sempre mais substituídas pela mediação da tecnologia, mormente pelas redes sociais. Rapidamente, uma tecnologia se torna ultrapassada com relação àquela que a sucedeu. São inegáveis os benefícios de tais avanços para a humanidade, mas em contrapartida também fragilizou as relações entre os sujeitos, tornada sempre mais superficial e fugaz. É nessa conjuntura que surge a sociedade das relações efêmeras e descompromissadas.

A forma de vida em que a geração jovem de hoje nasceu, de modo que não conhece nenhuma outra, é uma sociedade de consumidores e uma cultura “agorista” – inquieta e em perpetua mudança- que promove o culto da novidade e da contingência alegórica. Numa sociedade e

numa cultura assim, nós sofremos com o suprimento excessivo de todas as coisas, tanto os objetos de desejo quanto os de conhecimento, e com a assombrosa velocidade dos novos objetos que chegam e dos antigos que vão (BAUMAN, 2013, p. 34).

O grande desafio na atualidade, no quesito educação, seja familiar, escolar ou religiosa é como fazer uso de todos esses instrumentos, com seu válido potencial, e que não venham comprometer as relações humanas, de modo a torná-las levianas e utilitaristas, em prejuízo para as próprias pessoas. Emerge o imperativo ético de promover o uso responsável dos meios de comunicação, sem afetar as relações interpessoais entre os indivíduos, em sua amplitude de possibilidades, e cujo escopo seja uma formação verdadeiramente humana.

A história nos faz entender que o processo educativo sofreu diversas alterações, em que o “padrão” social foi por diversas vezes modificado; no entanto, a necessidade da educação com seus potenciais de fazer transcender a restrita preparação para o mundo do trabalho, está a requerer os demais aprendizados que tornam as pessoas mais responsáveis e autenticamente livres. Claparède nos remete à compreensão da meta da educação como formadora para indivíduos capazes de relacionamentos saudáveis: “[...] a palavra ‘educação’ se refere a polidez, cortesia e atos de respeito aos outros” (CLAPARÈDE, *apud*, ANTUNES, 2014, p.11). A palavra polidez e cortesia remetem a atitudes como gentileza, respeito ao outro, civilidade, imprescindíveis para relações sociais construtivas.

Paulo Freire ao associar a educação como requisito necessário para mudança, retrata esse respeito no qual se deve pelo outro através da palavra compromisso. Compromisso com o mundo, com a humanização do homem, que compreende todos os valores e princípios ordenados pela própria história. “Este compromisso com a humanização de homem, que implica uma responsabilidade histórica, não pode realizar-se através o palavrório, nem de nenhuma outra forma de fuga do mundo, da realidade concreta, onde se encontram os homens concretos.” (FREIRE, 2011, p. 18).

A educação não possui um caráter de neutralidade. Deste modo o homem não deve sê-lo frente ao mundo que ora o desafia para ressignificar a prática educativa na sociedade hodierna, imbuída de superficialidades relacionais. Freire adverte que o verdadeiro compromisso da humanidade acontece por meio da solidariedade. “É a solidariedade, esta pois nos faz comprometer-se com a humanização do outro, evitando que o próprio ser humano se converta em ‘coisas’. Uma vez que o homem se compromete com a desumanização é assumi-la e, inexoravelmente, desumanizar-se também” (FREIRE, 2014, p.19).

A educação entendida como um ato de amor e solidariedade constituiu um dispositivo capaz de transformar utopias em realidades, em que o verdadeiro sentido de educar é indissociável da tarefa de despertar a consciência dos sujeitos envolvidos com o processo educativo a partir do compromisso com a formação humana.

4 O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE

A educação sempre contribuiu para a formação e o desenvolvimento da sociedade de forma significativa. Sempre existiu uma relação recíproca entre educação e sociedade, onde uma determina a outra e juntas desenvolvem uma relação de complementariedade. Melhor define Coelho (1982):

A relação educação e sociedade não é de modo algum uma relação mecânica, automática, de simples contiguidade, justamente porque educação e sociedade não são duas realidades exteriores, completamente determinadas e autônomas, que existiriam uma ao lado da outra, embora associadas. A relação concretamente existente entre elas é de determinação recíproca, ou seja, a sociedade sempre determina a educação e ao mesmo tempo é por esta determinada (COELHO, 1982, p.40).

Desta forma, o respeito pelo outro também é uma definição de educação. Em tempos de modernidade líquida, onde se tem como referências os padrões das relações enfraquecidas, esse comportamento também se faz presente no ambiente das instituições de ensino, que se voltam para a formação de cunho educacional, seja nos primeiros anos da escola ou até mesmo no ensino superior.

Nessa direção, “a cultura líquido-moderna não se sente mais a cultura da aprendizagem e da acumulação, como as culturas registradas nos relatos de historiadores e etnógrafos. Em vez disso, parece uma cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento” (BAUMAN, 2013, p. 36).

O empobrecimento das relações, com já ressaltado, se dá pela falta de compromisso com o outro e, como consequência, o respeito também se enfraquece ou desaparece. A abertura à alteridade fenece, pelo fato mesmo que o fechamento em si, torna o indivíduo, suas circunstâncias e seus interesses a medida de todas as coisas.

A "liquidez" em que a sociedade imergiu criou uma visão de mundo onde o mundo das relações passa ser sem profundidade e muitas vezes utilitarista. Ademais, exatamente porque o relativismo da referida "liquidez" passou a subjetivar ostensivamente o quadro de valores, entender e assumir o que seja valor ou contra valor passou a desafiar por demais as práticas educativas. As relações familiares inconsistentes e vagas fizeram surgir comportamentos dos alunos em sala de aula marcados pelo desrespeito chegando aos níveis de agressividade verbal e até física. O relativismo tem sucateado o conceito de autoridade, bem como de disciplina, "bons modos", virtudes como a humildade, o amor verdadeiro e sincero, o respeito da pessoa humana, além de princípios ligados à cidadania, à busca do bem comum. Tantos casos de adoecimentos psicológicos de professores, provenientes de agressões físicas e verbais da parte dos discentes têm desestimulado o interesse pela docência, de modo ser preferível cumprir outras funções na escola. Os melindres advindos das hipersensibilidades aguçadas de um alunado ególatra, tornados insensíveis e avessos à correção, às exigências podem recrudescer ao ponto de chegar a casos mais graves, de modo a que forças policiais são chamadas para salvaguardar a segurança no recinto escolar. Supõe-se que o relativismo de valores terá impedido a formação de uma consciência ética que permita minimamente uma convivência social respeitosa. A ausência de tal quadro de valores quiçá terá posto em questão a validade e a eficácia de instituições educadoras como a família, a igreja, a escola, dentre outras. Tanta "liquidez" dá sinais inequívocos de ter enfraquecido, perigosamente, o tecido social.

Ousando não somente responder, mas no intuito também de refletir é mister considerar três grandes instituições de origem remota que, direta ou indiretamente, têm a função de educar, e assim contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Entretanto, no contexto atual passam por uma reelaboração de conceito e finalidade. Falamos precisamente da Família, da Escola e a Igreja.

4.1 A FAMÍLIA

A presente reflexão se inicia pela Família a qual, como mencionado antes, é o primeiro contato que o sujeito tem no início da sua vida. O vocábulo família tem sido empregado para designar agrupamentos sociais e instituições com estruturas e funções bastante diferenciadas em diferentes momentos históricos, por pessoas de culturas diversas. De acordo com Prado, "o termo família origina-se do latim *famulus* que significa: conjunto de sexos e dependentes de um chefe ou senhor. Entre os chamados dependentes inclui-se a esposa e os filhos." (1982, p.51).

Conceituar família num passado não muito remoto era lembrar da figura paterna como provedor, arrimo familiar, educador dos filhos na disciplina e no respeito, chefe do núcleo familiar. A mãe em geral se ocupava com as lides domésticas e os filhos estavam sob a tutela de seus pais. A obediência era algo compartilhado. Nas famílias de origem cristã, a referência ao sagrado impregnava as ações mais rotineiras como a bênção dos alimentos, as devoções e piedades, especialmente a reza do terço. A família enquanto comunidade de pessoas tinha uma tarefa natural no sentido de contribuir, de modo único e insubstituível, para o bem de toda a sociedade. A escola constituía-se um ambiente complementar, auxiliar, profissionalizante, voltado à instrução, sem prejuízo da educação. A Igreja viabiliza um itinerário de fé que permitia uma humanização mais profunda. Antunes argumenta, a esse respeito:

Antes de a globalização e a internet invadirem transformarem a educação e a escola, a família a empresa e o emprego, a política e a religião mostravam-se sólidas e firmavam esse formato pela tradição esculpida pelo tempo. A boa escola para o pai era, com certeza, a escola boa para o filho; padrão de uma bela família se ajustava ao tempo, mas os valores eram valores, e sobre isso não se questionava, e assim era em relação a tudo mais (ANTUNES, 2014, p.25).

Na contemporaneidade, o contexto familiar não é mais de encontro e convivência. Provam-no alguns hábitos como o das refeições em comum que deixaram de existir ou rarearam consideravelmente. O diálogo foi reduzido em tantos casos aos comunicados; com efeito, a comunicação passou a ter uma dependência cada vez maior da mediação das tecnologias, especialmente do celular e suas tantas ferramentas. Um certo individualismo tem se enraizado vigorosamente em tais hábitos e mentalidades. A perda do senso da hierarquia

familiar reduziu as relações entre pais e filhos a uma amizade imbuída do “igualitarismo”, de tal maneira que se tornou comum os filhos reivindicarem direitos aos seus genitores. Há o cultivo de vínculo de uma “amizade” entre pais e filhos onde respeito e a honra dos pais como figuras merecedoras de honra, pareceu desaparecer por serem tidos como ultrapassados. Há quem defenda tal liberdade em função de considerar esse relacionamento hierárquico como algo opressor, truculento e autoritário, infectado de patriarcalismo².

Singly (2007), a partir de suas pesquisas, postula que vários elementos novos têm se inserido no debate sobre a crise vivida pela família. Entre tais elementos, elenquem-se a aceitação social do divórcio, a queda do casamento como instituição, além da baixa taxa de natalidade. Novos modelos familiares inauguram mudanças nas relações entre os sexos e as gerações. Dentre tais alterações, citem-se o controle massivo da natalidade, autonomia da atividade sexual a qual deixa de estar circunscrita à esfera do matrimônio, inserção da mulher no mercado de trabalho, questionamento da autoridade paternal, atenção ao desenvolvimento das necessidades infantis e dos idosos, entre outras. Por mais que a família tenha alcançado sua liberdade, o estado ainda interfere mediante a criação de leis que objetivam limitar o direito à repressão paternal. Além disso, a estrutura econômica tem ditado padrões de vida onde criam-se necessidades de consumo, sobretudo pelos estímulos fornecidos pela publicidade. Há um impacto disso também no planejamento familiar, com uma prole sempre mais reduzida, isto quando existem casais que optam por não a ter.

O processo de autonomia dos filhos, até estarem aptos a direcionar a própria vida e construírem eles mesmos suas respectivas famílias, tradicionalmente constituía-se um processo gradual. Enquanto viviam sob a guarida de seus genitores, prevalecia, na vida dos filhos, o princípio do poder paterno. Existiram excessos neste sentido como alguns rigorismos e moralismos, talvez até certos excessos nas punições. Entretanto, em geral, os princípios eram amplamente cultivados. Percebe-se, ultimamente, uma crescente antecipação no que tange à autonomia dos filhos, os quais, ainda na etapa infantil, já reivindicam para si prerrogativas decisórias, em outros tempos impensáveis. Supõe-se que o relativismo inerente da “sociedade líquida” tem posto em xeque esses fundamentos pétreos da autoridade paterna e materna, com forte impacto na assimilação de princípios básicos de humanidade; as atitudes e mentalidades de indivíduos cada vez mais autorreferenciais sob a convivência dos pais omissos quanto ao uso da própria autoridade e permissivos, têm promovido um estado de libertinagem e anarquia na relação familiar.

4.2 A ESCOLA

No que diz respeito à Escola, reconhece-se que hoje passa por um processo de mudança em que envolve o ensino e a aprendizagem. No início da década de 1960, o Concílio Vaticano II se pronunciou sobre a importância da escola:

[...] é bela, portanto, e de grande responsabilidade, a vocação de todos aqueles que, ajudando os pais no cumprimento do seu dever e fazendo as vezes da comunidade humana, assumem a responsabilidade de educar nas escolas; é vocação que exige especiais qualidades de inteligência e coração, preparação muito cuidada e vontade sempre disposta para a renovação e adaptação (GE, n. 05).

É notório o quanto o documento conciliar ainda reflete um contexto de cristandade onde as instituições se harmonizavam bem com a família tradicional cristã e colaboravam em sua missão. A sociedade hodierna, plural, heterogênea, secularizada, prevalentemente urbana, está diante de uma mudança de paradigmas e modelos comportamentais. Essa realidade desafia a escola no sentido de não somente instruir, como também educar e formar, sem perder a função social da escola que é ensinar. Se o quadro de valores é diversificado e não mais prevalentemente orientado ou mesmo ditado por uma religião específica, torna desafiante o trabalho de quem lida com educação. Ante tal diversidade, a atenção e o respeito pelo indivíduo e suas particularidades exigem uma ação educadora que vise inovar sem excluir. Assim, a escola torna-se a melhor quando efetiva sua missão com relação aos alunos, a saber, elaborar os conhecimentos historicamente acumulados; ademais cabe-lhe, outrossim, educá-los, prepará-los para viver a realidade de mudanças rápidas

² É o que afirma Heloísa Szymanski: “(...) a família que se está visualizando é composta por pai, mãe e algumas crianças vivendo numa casa. Essa imagem corresponde a um modelo, que é o da família nuclear burguesa” (SZYMANSKI, 2002, p. 23). Uma família nuclear burguesa é, segundo essa concepção eivada de elementos marxistas, aceitável em uma sociedade colonizada pelos europeus, capitalista, heteronormativa, na qual se constituiu a realidade brasileira.

e profundas que se impõem na sociedade como um todo, sem deixar a formação humana em sua totalidade. Neste sentido, cabe um questionamento sobre como mobilizar ações entre Família, Escola e Sociedade na formação integral do ser humano.

Não será difícil entender o quanto este estado de liquidez que se cultiva na família venha a refletir na vida escolar, onde o respeito pelo professor, como gestor do processo de ensino aprendizagem, é não somente questionado, mas desrespeitado e, em alguns casos ao ponto do escárnio. Os papéis sociais, cada vez mais revistos e redimensionados geram crescentes alterações nas relações interpessoais, inclusive na escolha das referências para formar e aderir a um quadro de valores que se apresenta cada vez mais utilitário, mutável e provisório. Em base a isso, a autoridade dos pais, dos professores, dos líderes religiosos se confrontam com outros formadores de opinião, de notória credibilidade por parte de jovens, adolescentes e até adultos, por mais que a confiabilidade de tais comunicadores seja duvidosa quanto à autenticidade do que defendem e ensinam; dentre estes, formadores de opinião, de todos os matizes, nas redes sociais, embalados pelo alcance da força comunicadora da internet, surgem como novos guias os quais vão desde os que defendem a desconstrução dos valores tradicionais quanto aos que os defendem ardorosamente. O aparecimento de tantas incertezas, a respeito do modelo de escola e de família, traz consigo também uma pergunta sobre o modelo de pessoa, de cidadão que emergirá deste contexto: eis uma incógnita cuja resposta será de difícil previsibilidade.

Quando mencionada a palavra desafio, deseja-se com isso afirmar, que o ambiente escolar enquanto representação da sociedade trás no seu interior questões próprias e particulares de tal representação. Situações que vão desde a falta de oportunidade para desenvolver a aprendizagem, bem como a falta de interesse pela escola exemplificam essa realidade. A escola cujo propósito é ensinar conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais aos seus alunos, visa com isso, torná-los sujeitos ativos, críticos e responsáveis pelo dinamismo social, conscientes do seu compromisso como pessoa e cidadãos. (ZABALA,1998)

Ao questionar sobre a finalidade da escola, sublinha-se que uma das suas finalidades é a formação para a construção do conhecimento. Esse conhecimento é na verdade o que deve ser elaborado e sistematizado na escola, diferenciando daqueles saberes proporcionados pela família, pela sociedade e pelo ambiente de trabalho.

Quando adquiridos tanto na escola, quanto na família ou na sociedade, os diferentes tipos de conhecimento são interligados, se complementam de modo a formar a consciência do sujeito, preparando-o para o confronto com as diversas realidades que são próprias da vida social. Acredita-se que o maior desafio da escola no cumprimento dos seus compromissos seja lidar com o real significado do saber sistematizado e as imbricações que influenciam o desinteresse do aluno com a dinâmica da escola, conseqüentemente com a aprendizagem, onde tantos alunos querem ir para a escola, mas não querem estudar. Conclui-se que: “vivemos um tempo de uma insatisfação social meio difusa e sem formas de expressão e compreensão clara” (RIBEIRO, 2010, p. 45).

4.3 A IGREJA/ RELIGIÃO

Torna-se quase impossível falar de educação, sem destacar a importância que teve a Igreja e a própria religião na trajetória da formação do homem. A religião católica que foi a pioneira nessa atribuição, sempre embasou sua proposta sobre educação sob os valores cristãos, mas conferindo tal incumbência primeiramente a família e ressaltando a importância da ajuda de toda a sociedade no cumprimento desta tarefa. Não cabe à escola ou outras agências formativas substituir a familiar na missão de educar³.

A educação transmitida pela religião, sobretudo cristã, pode agregar valores importantes na formação integral do homem cujo objetivo seja o bem da própria pessoa, o crescimento e desenvolvimento da sociedade na perspectiva de sua humanização.

³ É o que afirma o documento do Vaticano II sobre a educação, que reflete essa concepção, mesmo que a família necessite de colaboradores em sua missão: “O dever de educar, que pertence primariamente à família, precisa da ajuda de toda a sociedade. Portanto, além dos direitos dos pais e de outros a quem os pais confiam uma parte do trabalho de educação, há certos deveres e direitos que competem à sociedade civil, enquanto pertence a esta ordenar o que se requer para o bem comum temporal. Faz parte dos seus deveres promover de vários modos a educação da juventude: defender os deveres e direitos dos pais e de outros que colaboram na educação e auxiliá-los; segundo o princípio da subsidiariedade, ultimar a obra da educação, se falharem os esforços dos pais e das outras sociedades, tendo, todavia, em consideração, os desejos dos pais; além disso, fundar escolas e instituições próprias, na medida em que o bem comum o exigir” (GE n. 3).

Foi dito anteriormente que a educação dada pela escola, família e sociedade são realidades distintas, porém inseparáveis; com a educação cristã ocorre o mesmo.

A vivência religiosa porta consigo um potencial considerável no sentido de agregar valores sólidos que contribuem substancialmente para a cidadania, inseparável da busca do bem comum, base para o verdadeiro progresso de uma nação e bem-estar de um povo. Sabe-se o quanto o cristianismo, junto com a filosofia grega e o direito romano forjaram a sociedade ocidental que saiu da barbárie para entrar na civilização embasada nos direitos e deveres que devem reger o convívio social⁴.

A Igreja é uma grande formadora, por isso se preocupa com os meios pelos quais são utilizados para educar⁵. Inserida no contexto educacional pretende cultivar a formação humana para que crianças e jovens sejam formados pelo espírito da verdade e de liberdade, iluminados pelo conhecimento e ordenados pelo exercício constante de uma vida voltada para o respeito, pelo diálogo entre as igrejas, pela liberdade de consciência, em vista do progresso da sociedade, sem ferir os valores evangélicos, mesmo em se tratando de uma sociedade em transição marcada pelas relações efêmeras. Para isso, o Papa Francisco alerta " a Igreja em saída é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido". (FRANCISCO, 2013. p 39)

A partir dessa reflexão em que estão ordenadas as instituições de cunho formativo, Família, Escola e Igreja, fica evidente que a sociedade necessita, para atender a necessidades do nosso tempo, confrontar-se com diversas realidades da "sociedade líquida". Haja vista que esse confronto não precisa necessariamente ser travada como uma luta em que hajam perdedores e ganhadores por defender suas ideologias, mas estima-se que a sociedade entendida como todos os sujeitos em busca de um propósito comum se revista de consciência para que este momento seja o momento ideal para que se forme o alicerce da verdadeira educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é demais lembrar que a educação sempre assumiu socialmente o papel de grande responsável por colossais transformações tanto no campo pessoal quanto social. As instituições como a escola, a família e a religião também foram, no transcorrer da história, consagradas educadoras que visivelmente desempenharam e cumpriram funções particulares em ações voltadas para a educação. Se em tempos de modernidade líquida seus objetivos não são atingidos se devem, em muitas situações, ao descaso e ao abandono no qual estão mergulhadas as concepções voltadas não somente para a área da educação, mas os diversos elementos que constituem a sociedade como a política, a economia, a família e até mesmo o meio ambiente. Assistimos decisões sempre tomadas verticalmente, em que se vê claramente o jogo de interesse que está por trás de certas tomadas de decisões, quando está em questão os diversos processos educativos e a dimensão humana.

Tratando-se especificamente, da educação que inclui o modo de ensinar as experiências levadas para o interior da escola, vemos que ainda são aplicados métodos e metodologias, baseados em conceitos meramente mecânicos e acríticos, limitando a estudar teorias da educação desvinculadas do contexto social, político e econômico. Tais práticas, implicam negativamente da formação intelectual, cognitiva e humana, afetando todo o sujeito nos mais variados sentidos.

Por conseguinte, o papel da família, da religião não se restringe a construir sua autoimagem, mas de contribuir diretamente para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e principalmente consciente de suas funções perante ele mesmo, e a sociedade.

⁴ O Direito Romano, a tradição judaico-cristã e a filosofia grega, foram apontados por Bento XVI, no seu discurso ao parlamento europeu, como os pilares da sociedade ocidental: "A cultura da Europa nasceu do encontro entre Jerusalém, Atenas e Roma, do encontro entre a fé no Deus de Israel, a razão filosófica dos Gregos e o pensamento jurídico de Roma. Este tríplice encontro forma a identidade íntima da Europa. Na consciência da responsabilidade do homem diante de Deus e no reconhecimento da dignidade inviolável do homem, de cada homem, este encontro fixou critérios do direito, cuja defesa é nossa tarefa neste momento histórico" (BENTO XVI, 2011).

⁵ São muito atuais as palavras dos Padres Conciliares, no ano de 1965: "De fato, a educação dos jovens e mesmo certa formação contínua de adultos, se por um lado se torna mais fácil, por outro se faz mais urgente, nas atuais conjunturas. Pois os homens mais plenamente conscientes de sua dignidade e dever, anelam por participar sempre mais ativamente na vida social e sobretudo na vida econômica e política. Os admiráveis progressos da técnica e da pesquisa científica, os novos meios de comunicação social, oferecem oportunidade aos que por vezes dispõem de maior tempo livre para se achegarem com mais facilidade às riquezas espirituais e à cultura" (GE, proêmio).

Deste modo, refletir acerca dos elementos que contribuem para entender os fenômenos que justificam a formação da identidade da sociedade como a modernidade líquida, tornou-se uma tarefa desafiadora, em vistas de viver essa transição sem que as instituições e seus ensinamentos percam seus valores e princípios, responsáveis em dar sentido à condição humana, e ainda tendo o cuidado para que não predominem vivências ideológicas, fundadas em ações e perspectivas efêmeras, que não se sustentam em si mesmas, ou seja " só faz o certo quem pensa certo". (FREIRE,2014).

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **Introdução à Educação**. São Paulo: Paulus,2014.
- BAUMAN, Z. **Sobre Educação e juventude**, Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BENTO XVI. **Viagem Apostólica à Alemanha. 22-25 de setembro de 2011**. Visita ao Parlamento Federal. Discurso no Palácio *Reichstag* de Berlim. Quinta-feira, 22 de setembro de 2011. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110922_reichstag-berlin.html. Acesso em: 01 out. 2019.
- CORTELA, M. S. **Educação, escola e docência**. Novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.
- FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**: Exortação Apostólica do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e terra, 2011.
- CONCILIO VATICANO II. **Gravíssimo Educationis**. São Paulo: Paulus, 1997.
- NANNI, C. **Educazione e Scienzedell'educazione**. 2. ed., Roma: LAS, 1986.
- NANNI, C. **L'educazionetracrisi e ricerca de senso**. Um approccio filosófico. 2. ed., Roma: LAS, 1990.
- PRADO, D. **O que é família?** 2. ed. São Paulo: Ed Brasileira, 1982.
- RIBEIRO, L. T. F. **Temas Educacionais**: Uma Coletânea de Artigos. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- STENHOUSE, L. **Investigación y desarrollodel curriculum**. Madri: Morata, 1984.
- SZYMANSKI, H. Teorias e "teorias" de famílias. In: CARVALHO, M. C. B. **A Família Contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002.
- VATTIMO, G. **La fine dellamodernità**, Milão: Garzanti, 1985.
- ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução: Ernani Rosa. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOBRE OS AUTORES

Marlene Gomes Guerreiro

Graduação em Teologia e Psicologia. Especialista em: Psicopedagogia (UNINTA); Docência do Ensino Superior (UNICATÓLICA); Direito Processual Canônico (UCP). Mestre em Doutrina Social da Igreja pela Pontifícia Universidade Lateranense, PUL, Roma. Mestranda em Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará, UECE, Brasil.

Contato: marleneguerreiro@gmail.com

Antonio Marcos Chagas

Graduado em Ciências da Educação e Teologia. Especialista em: Gestão Estratégica de Instituição de Ensino Superior (FAMETRO); Ensino Religioso (UCB/DF); Filosofia e Existência (UCB/DF); Docência do Ensino Superior (UNICATÓLICA). Mestre em Ciências da Educação pela Pontifícia Universita Salesiana, U. P. SALESIANA, Vaticano. Doutorando em Ciências da Educação pela Universidade do Minho, UMINHO, Portugal.

Contato: pemarcos@unicatolicaquixada.edu.br

Cecília Rosa Lacerda

Graduação em Pedagogia. Especialista em Psicologia Educacional (PUC/Minhas). Mestre e Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil. Pós-doutora em Formação de Formadores pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil.

Contato: cecilia.lacerda@uece.br